CAIS DE ALHOS VEDROS AVANÇA COM MEDIÇÕES DA PROFUNDIDADE DO RIO
Pág. 8

TRAIL VITORIANO CELEBRA DEZ ANOS ENTRE OS TRILHOS DE ERMIDAS E GRÂNDOLA
Pág. 10



SEMANA DA DANÇA REGRESSA A PALMELA


Pág. 12

Somos informação segura
semmais.pt

+Região | Diretor Raul Tavares | Semanário Região de Setúbal | Edição n.º 1367 9.ª série | Distribuído com o Expresso

Sexta-feira 13 novembro 2026
0,50

semmais



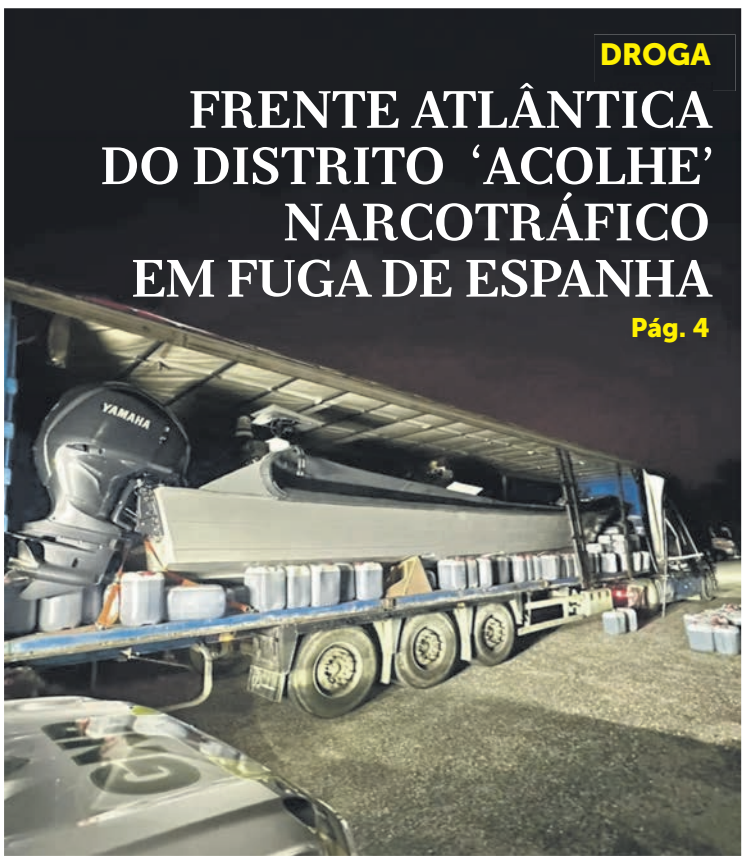
DEPRESSÃO "CHARLES" POUPOU DISTRITO AOS PIORES CENÁRIOS

As previsões de chuvas prolongadas e intensas, e de ventos ciclónicos, superiores a 120 quilómetros por hora, não se confirmaram. Além de duas estradas nacionais condicionadas, algumas zonas de cheias e queda de árvores, pode dizer-se que "Charles" pariu um rato. **Pág. 3**

DROGA

FRENTE ATLÂNTICA DO DISTRITO 'ACOLHE' NARCOTRÁFICO EM FUGA DE ESPANHA

Pág. 4



A região está a transformar-se na maior porta de entrada de cocaína e de haxixe da Europa, em alternativa às habituais rotas do sul de Espanha. Nos últimos 11 meses, as polícias portuguesas já recuperaram no Tejo e no Sado 20 lanchas rápidas e cerca de 16 toneladas de droga.



ALCÁCER DO SAL REFORÇA VIGILÂNCIA NAS BARRAGENS CONTRA NOVAS INUNDAÇÕES

Câmara municipal, agricultores, APA e DGADR estão a trocar informações e a monitorizar processos para aquilatar segurança nas barragens. Limpeza das linhas de água só deverá ficar totalmente concluída em 2028.

Pág. 6



CARLOS ALBINO DECLINA ACUSAÇÕES NO CASO DAS VERBAS PARA AS FREGUESIAS

Em causa está a atribuição de verbas da câmara para as juntas de freguesia da Moita e de Alhos Vedros, também geridas por socialistas, que acusam o edil de "perseguição". Albino diz querer apenas transparência.

Pág. 7



SMAS DE ALMADA GARANTEM OBRAS DE MILHÕES MESMO SEM FUNDOS EUROPEUS

O investimento orçado em 4,5 milhões de euros abrange três zonas de abastecimento com candidaturas entregues ao Programa Sustentável 2030. O projeto passa pelo reforço de captações, reservatórios e condutas.

Pág. 8



CÂMARA DO SEIXAL PREVÊ RETIRAR DOS ATERROS 500 TONELADAS DE ROUPAS USADAS

Iniciativa é de cariz ambiental e económico e destina-se à recolha de vestuário, calçado e brinquedos. Depois de recuperados, muitos destes materiais serão reaproveitados por quem mais precisa, seja em Portugal ou África.

Pág. 9

SÓ A CCDR APOIA PROJETO QUE PODE COLOCAR EM CAUSA A GESTÃO DO AQUÍFERO

‘Guerra das tangerinas’ baixa ao Tribunal Administrativo de Beja



Seis organizações ambientais dizem que o pomar previsto, numa extensão de 260 hectares, vai consumir quase o dobro da água gasta em 2023 em todo o concelho de Alcácer do Sal. Será instaurada uma providência cautelar caso o promotor inicie os trabalhos no terreno.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

A COMISSÃO Coordenadora de Desenvolvimento Regional (CCDR) do Alentejo está a ser criticada por seis agências ambientais que, na passada semana, entregaram uma participação no Tribunal Administrativo de Beja, para que as autoridades judiciais interpelem os seus responsáveis e estes justifiquem o parecer positivo, embora condicionado, que pode permitir a plantação de um pomar intensivo de tangerinas numa área de 260 hectares, próximo de Alcácer do Sal.

Após quatro reformulações do projeto de regadio intensivo que o promotor pretende plantar nas herdades de Murta e Monte Novo, a CCDR acabou por dar um parecer favorável, isto depois de nas três ocasiões anteriores ter sempre manifestado uma posição contrária. “Gostaríamos que o tribunal perguntasse aos responsáveis da CCDR quais os motivos que os levaram a mudar de opinião, até porque a única alteração que foi feita ao projeto foi a redução da área de exploração”, disse ao Semmais o representante da Quercus, uma das seis entidades ambientais que apresentaram queixa em Beja, Miguel Ribeiro.

“Na apreciação da terceira proposta, efetuada em novembro do ano passado, a CCDR ainda era contra o projeto. Agora, nove meses volvidos, sem que tenha havido qualquer alteração à parte técnica, acaba por abrir a porta ao promotor, depois deste ter feito uma redução de 35 hectares na área a plantar”, referiu ainda o dirigente da Quercus, adiantando ainda que a CCDR é a única entidade, entre estatais e locais, que mudou a sua opinião. “Ainda nada nos foi adiantado acerca desta mudança. O que sabemos é que outros intervenientes, como o Laboratório Nacional de Energia e Geologia (LNEG) ou a Câmara Municipal de Alcácer do Sal, continuam a ser contra o pomar de tangerinas que querem fazer numa área de conservação da natureza, prevista na Zona Especial de Conservação Comporta/Galé e que pertence à Rede Natura 2000”, adiantou.

Ao admitir a exploração, a CCDR autoriza implicitamente que o promotor possa vir a abrir 12 furos para captação de água. Tal facto, dizem as seis associações ambientais, poderá revelar-se catastrófica para toda a região, uma vez que atualmente a extração de água é já muito superior à capacidade de regeneração do aquífero.

Contactado pelo nosso jornal, Pedro Horta, da Zero, também levantou sérias dúvidas relativamente aos pressupostos que levaram a CCDR a alterar o seu parecer inicial. “Ao princípio nem sequer eram tangerinas. Eram abacates. Agora, na quarta proposta, reduzem a área do pomar mas mantém os consumos de água. Existem dúvidas muito razoáveis sobre a sustentabilidade do projeto”, referiu.

CONSUMO DE ÁGUA É O DOBRO DA REDE PÚBLICA

As associações ambientais que estão a acompanhar o caso (Água&Sal, Dunas Livres, Geota, Quercus, Spea e Zero) dizem que as muitas centenas de hectares de agricultura intensiva que já existem naquela área são responsáveis por graves problemas de falta de água verificados todos os anos e que estão, inclusive, na origem de abatimentos no solo. Referem que o recurso indiscriminado às águas subterrâneas já tem repercussões ao nível da fauna e flora locais e que também já penaliza as populações. Esses mesmos prejuízos podem agora duplicar todo o concelho de Alcácer do Sal.

“Aquilo que se prevê, se forem abertos 12 furos para regar os tais 260 hectares, é que o promotor possa retirar anualmente 1.740 milhões de litros

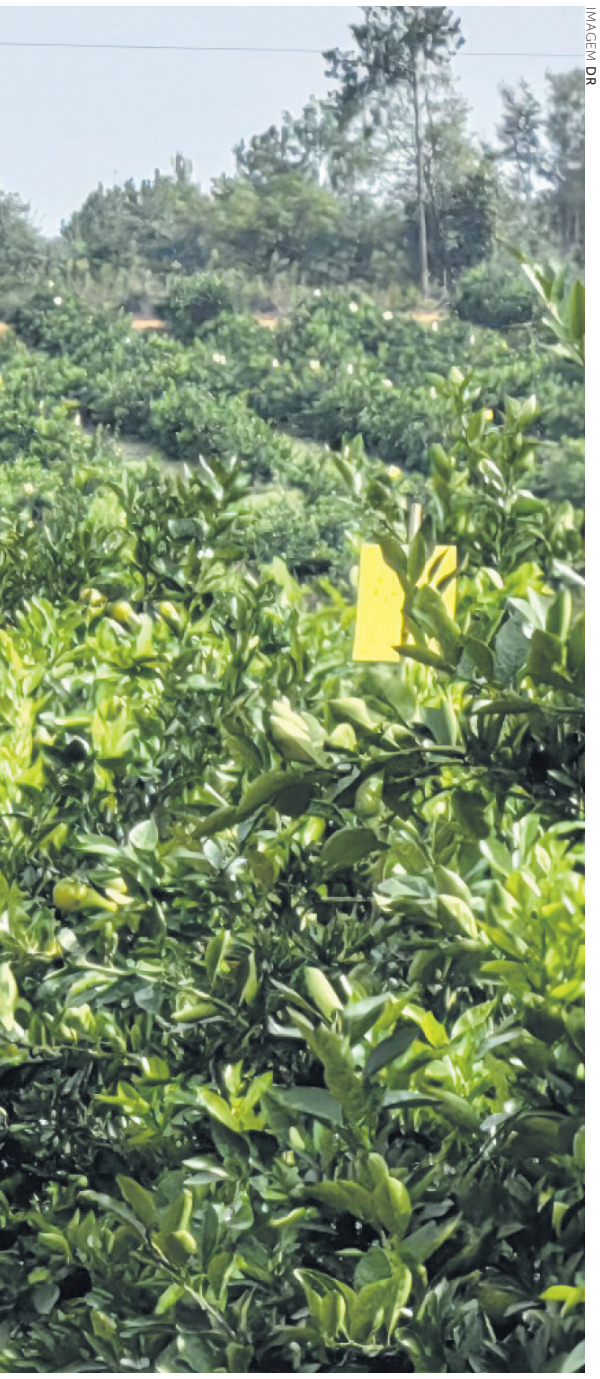


IMAGEM DR

de água por ano. Esse é quase o dobro de toda a água distribuída pela rede pública de Alcácer do Sal em 2023, e quase tanto como a que foi distribuída, nesse mesmo ano, pelo concelho de Grândola. Continuamos sem perceber como é que após se aprovar a redução da exploração agrícola, se continua a autorizar a captação do mesmo volume de água, sobretudo quando se sabe que o aquífero já é muito deficitário", disse Miguel Ribeiro.

"Os volumes de extração de água são absurdos e têm sido constantemente rejeitados por todas as entidades chamadas a pronunciar-se. Lembro que na última consulta pública do projeto foram registadas 387 participações. Dessas, 384 foram contra. Existe a perceção, entre todas as entidades, que está a ocorrer um completo ignorar de todas as normas legais mas, ainda assim, a CCDR está na disposição de deixar avançar algo que é prejudicial para todos", afirmou o responsável da Quercus.

Miguel Ribeiro referiu, por outro lado, que há entidades, como o ICNF, que também aguardam novas explicações para a eventual viabilização do projeto: "O promotor fala na instalação de torres anti geada. Tratam-se de engenhos que, através de ventoinhas, irão impedir que a geada caia sobre as árvores e os frutos, evitando que fiquem queimadas. No entanto, conforme apurámos, o próprio ICNF desconheces quais os efeitos desse sistema. Há explicações que continuam por dar". ■

Providência cautelar avança se obras iniciarem

MESMO com o parecer positivo da CCDR Alentejo, os trabalhos nas herdades das Murtas e Monte Novo ainda não se iniciaram. As seis organizações ambientais dizem que caso as mesmas ocorram, então o passo seguinte será a apresentação de uma providência cautelar de modo a suspendê-los.

"Ponderamos avançar com a providência cautelar caso o promotor arranque com os trabalhos no terreno, os quais podem ser feitos em meia dúzia de dias. Se isso for diante, então sabemos que temos pela frente, conforme já nos foi lembrado pelos nossos advogados, uma luta que pode demorar muitos anos e que irá consumir muitos recursos económicos. É por isso que também estamos a apelar a toda a gente o máximo apoio possível", disse o dirigente da Quercus

Pedro Horta, por sua vez, entende que o promotor ainda terá de submeter a aprovação um conjunto de elementos antes de iniciar os trabalhos: "Só não entendemos porque é que alguns desses elementos não foram apresentados à CCDR quando esta última alteração do projeto foi efetuada. Era o que faria sentido, porque nesta fase posterior, não existirá a possibilidade desses mesmos elementos serem contestados".

O conjunto de elementos em causa, disse o dirigente da Quercus, refere-se, entre outros a relatórios que incluam a atualização dos valores impactados, atualização de cartografia, núcleos de espécies (flora) afetadas, plano de gestão florestal, monitorização de valores referentes à fauna e à flora, construção e localização de três piezómetros (equipamentos que medem o nível da água nos furos), relatório de fornecimento de água para consumo humano, aplicação de pesticidas, plano de contingência para o consumo de água necessário para que o pomar não morra, estudo preliminar sobre a salinidade, requalificação de açudes e cursos de água, funcionamento das torres anti geada e alojamento dos trabalhadores temporários. ■



IMAGEM DR

Charles pariu um rato

Depressão trouxe chuva intensa, inundações e algumas quedas de árvores, mas ficou longe dos cenários mais preocupantes que levaram ao encerramento preventivo de escolas e serviços públicos.

AFINAL, a depressão Charles não teve a dimensão inicialmente anunciada no distrito de Setúbal. Depois de vários dias de avisos meteorológicos, com previsão de rajadas de vento que poderiam atingir os 140 quilómetros por hora, chuva intensa e forte agitação marítima, o fenómeno acabou por provocar sobretudo inundações pontuais, quedas de árvores e alguns constrangimentos à circulação.

Em Setúbal, um dos episódios mais visíveis foi a inundação de zonas do Parque Urbano, na sequência da precipitação intensa. Registaram-se também quedas de árvores, acumulações de água em várias artérias e condicionamentos de trânsito. No concelho do Seixal, algumas inundações, nomeadamente em Paio Pires, estiveram igualmente entre as ocorrências registadas.

O balanço municipal de Setúbal apontava, até às 12h11 de quarta-feira, para 90 ocorrências desde domingo, sobretudo inundações, quedas de árvores e de elementos de construção e necessidade de limpeza de vias. Uma das situações mais relevantes ocorreu no Casal das Figueiras, onde o abatimento parcial de um muro danificou equipamento desportivo, destruiu três ecopontos e atingiu uma viatura estacionada.

Apesar dos estragos e dos incómodos causados pela chuva, não se confirmou o cenário de grande severidade que esteve na origem dos avisos vermelhos e das medidas extraordinárias de prevenção. O encerramento de escolas, equipamentos desportivos e serviços públicos não essenciais, a mobilização dos meios de Proteção Civil e os apelos para evitar deslocações desnecessárias foram algumas das medidas adotadas pelas autarquias e autoridades.

No Seixal, a câmara municipal determinou igualmente o encerramento temporário de estabelecimentos de ensino e de vários equipamentos municipais, reforçando os avisos para evitar zonas historicamente inundáveis, parques urbanos e áreas arborizadas.

A trajetória e a divisão da depressão em dois núcleos terão contribuído para atenuar os efeitos inicialmente previstos na região. Charles acabou, assim, por ficar aquém das expectativas mais alarmantes. Desta vez, a prevenção falou mais alto do que a tempestade. ■

TEXTO **ANABELA VENTURA**

NUM ANO AS AUTORIDADES APRENDERAM NA COSTA ATLÂNTICA MAIS DE 16 TONELADAS DE DROGA

Narcotraficantes cada vez mais presentes no distrito de Setúbal



IMAGEM DR

Há lanchas rápidas, camiões, galeras e material de comunicação sofisticado que é 'dado à morte' por redes que se começam a instalar em zonas de luxo do distrito e de Lisboa. O endurecimento do combate ao tráfico em Espanha está a empurrar as organizações criminosas para a região.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

A FRENTE atlântica do distrito de Setúbal está a transformar-se na maior porta de entrada de cocaína e de haxixe na Europa, tomando o lugar das habituais rotas do Sul de Espanha. Em apenas 11 meses, as entidades policiais portuguesas conseguiram recuperar, na região, nos estuários do Sado e do Tejo, mas também no mar alto, 20 lanchas de alta velocidade. O estupefaciente apreendido ultrapassa as 16 toneladas e o combustível é superior a 101,6 milhares de litros. Há, também, camiões e galeras, milhões de euros em dinheiro e uma imensa quantidade de material de comunicações, o que pressupõe estar-se em presença de organizações que já não utilizam a região apenas como local de passagem, mas como centro logístico capaz de abastecer toda a Europa.

"Quando grupos de traficantes sacrificam, sem quaisquer problemas, lanchas rápidas, camiões e galeras que valem centenas de milhares de euros, abandonando-os em praias e estuários, desdenhando fortunas, então isso significa que as quantidades de droga que conseguem fazer passar são mais do que suficientes para cobrirem o prejuízo", explica ao Semmais fonte policial contactada. "É um facto que o tráfico se acentuou na zona de Setúbal, mas também no Algarve, desde que em Espanha morreram dois guardas numa operação para apreenderem uma lancha rápida. Desde então a segurança tornou-se muito mais apertada em Espanha e o que se tem assistido é a um acréscimo das atividades dos traficantes em Portugal", acrescenta.

Os exemplos de grande atividade dos traficantes ocorrem todas as semanas. As polícias portuguesas (Judiciária, Polícia Marítima, PSP e GNR) são constantemente apoiadas por militares da Marinha e da Força Aérea. As fiscalizações e operações no mar alto são agora mais intensas. O sistema de vigilância costeira, composto por um conjunto de radares de grande alcance, mas também por informação captada e difundida via satélite, faz com que as autoridades nacionais atuem, por vezes, a 40 e 50 milhas náuticas da costa (entre 70 e 90 quilómetros). "As lanchas rápidas vão a essas distâncias para trazerem a droga transportada da América do Sul em grandes navios de carga ou em veleiros. Vão carregadas de combustível e, por vezes, lançam ao mar os barris vazios. Também lançam ao mar fardos de droga. Alguns são recuperados", referem os polícias contactados.

"O que se pode fazer para obter resultados no combate ao narcotráfico é continuar a desenvolver contactos com todo o mundo. Em Portugal isso faz-se através do MAOC-N (Centro de Análise de Operações Marítimas - Narcóticos) e com as várias forças policias, sejam sul-americanas, norte-americanas, europeias ou africanas. Muita da informação cai através de denúncias, mas é importante ter sempre presente as rotas sul-americanas e manter uma atenção especial nos Açores, que devido à sua localização, no meio do Atlântico, são quase um ponto de escala obrigatório para algum tipo de embarcações", dizem os investigadores contactados.

REDES TENTAM FIXAR-SE NA PENÍNSULA E EM LISBOA

Há sinais que as polícias têm vindo a identificar e que revelam a tendência de as redes de narcotráfico se pretenderem instalar de modo mais regular em Portugal e, também, no distrito de Setúbal. As investigações revelam que toda a região é propícia para guardar grandes quantidades de droga, uma vez que existem centenas de grandes armazéns prontos a arrendar. Por outro lado, existem autoestradas que possibilitam a rápida circulação para o Norte ou para o Sul, mas também para Espanha. Depois existem ainda três grandes portos de mar (Sines, Setúbal e Lisboa) que, apesar de muito vigiados, continuam a ser explorados.

"Há pouco mais de um ano, na Amora (Seixal), foram encontrados, enterrados, alguns barris de plástico contendo muito dinheiro, talvez milhões de euros. As notas estavam metidas no meio de grandes quantidades de arroz, que tem propriedades que permitem absorver a humidade e evitar a destruição do papel. Isso significa que quem lá guardou o dinheiro estava na disposição de o manter enterrado durante muito, muito tempo. É um sinal de permanência e não de passagem", conta um dos polícias.

Atentos aos grupos criminosos internacionais, nomeadamente ao brasileiro Primeiro Comando da Capital (PCC), os investigadores procuram ainda pistas para operações de branqueamento de capitais, o qual pode ser feito através, por exemplo, da aquisição de casas de luxo. "Não é por acaso que no distrito de Setúbal há gente de mais de 40 nacionalidades. Uns trabalham, outros estão cá por outros motivos...". Os empreendimentos habitacionais de luxo do distrito e também os de Lisboa são as áreas preferenciais escolhidas pelas traficantes. "Há de tudo. Desde europeus a sul-americanos", dizem os investigadores.

Cada vez mais frequente é, também, a descoberta de material de comunicações. "Há cada vez mais material mais sofisticado. Por vezes são abandonados equipamentos capazes de inibir os contactos, impedindo que possa haver troca de informações entre as polícias. São grandes quantias que se investem nestes sistemas e que, em alguns casos, até podem servir para interferir com a vigilância eletrónica. As redes criminosas tentam sempre manter-se um passo na dianteira e isso faz com que a investigação policial esteja sempre ativa, para poder acompanhar os criminosos ou até antecipar-se às suas intenções". ■

Tejo é mais utilizado que o Sado

Uma embarcação de alta velocidade (EAV) pode atingir velocidades que nenhum meio dos que estão à disposição das forças policiais alcança. Estão, por norma, equipadas com um mínimo de três motores, cada um capaz de debitar de 350 a 400 cavalos. "Se estiverem sem carga, de droga ou de combustível, é quase certo que conseguem fugir", diz um dos agentes contactados. "São embarcações com um mínimo de 11 metros de comprimento e que em mar aberto conseguem navegar entre ondulação até quatro ou cinco metros. Mais do que isso não". Mesmo sendo extremamente caras, a verdade é que por vezes as redes chegam a abandoná-las dentro das galeras dos camiões que, por sua vez, também chegam a ficar atolados nas margens dos rios e do mar. "Há várias situações conhecidas. Já foram encontrados camiões com lanchas em Setúbal, mas também em Alverca. O Tejo é, ao que se sabe, mais utilizado do que o Sado. É maior, tem mais movimento e, por isso, permite outra atuação. Mas estas redes estão sempre a mudar os métodos e locais de atuação. Neste momento até já chegaram à Nazaré", diz a polícia.

Bairro ilegal cresce em altitude e transforma-se em "hotel"

O destino do 2.º Torrão, na Trafaria, era a demolição. A tarefa ficou a meio e hoje, mesmo com algumas demolições, há mais casas e mais construção em altura. O aluguer de um quarto não se faz por menos de 400 euros.

O 2º TORRÃO, bairro clandestino da Trafaria, concelho de Almada, que há cerca de cinco anos começou a ser demolido, tem hoje mais residentes. De acordo com os responsáveis da Associação de Moradores local, o casario ilegal tem vindo a crescer em altitude. Muitas casas que antes eram térreas e que escaparam ao camartelo possuem agora mais um ou até dois andares. Prosperam os negócios num sítio onde a eletricidade vem diretamente dos postes e a água é dada aos novos residentes através dos ramais pertencentes a antigos moradores. Mas o grande negócio é mesmo o aluguer de quartos. O preço mínimo é 400 euros.

"Já parecemos o bairro de Penajoia, com tanta gente a chegar, com tanta construção ilegal a surgir. Há cada vez mais gente, apesar de terem sido demolidas casas quando da Covid. Agora as casas já quase não crescem para o lado, mas crescem em altura. Há algumas que ganharam dois andares e outras que surgiram onde antes havia estacionamentos. Os africanos estão a transformar o bairro num hotel", diz ao Semmais o presidente da Associação de Moradores, Paulo Faísca.

O crescimento do bairro contraria assim o que havia sido preconizado pela Câmara Municipal de Almada, que em 2021 anunciara que, gradualmente, seriam eliminadas as casas clandestinas e todas aquelas que, devido à sua proximidade ao Tejo, constituíam um perigo para os residentes. "Antes existiam 460 casas. Depois foram demolidas 100. Agora, com toda a construção que surge quase diariamente, já são mais de 500 e a população, devido à construção em altura, é muito superior", afirma o presidente da Associação de Moradores, lembrando que este crescimento desordenado não tem merecido qualquer acompanhamento por parte dos serviços camarários. "São avisados, por vezes vêm cá e tiram fotografias e, depois, nada se faz. Não há acompanhamento por parte da polícia nem dos bombeiros".

HÁ CASAS COM 14 QUARTOS ALUGADOS

"Há aqui uma casa que já tem alguns 14 quartos. Há um individuo que só em alugueres faz 6.000 euros por mês. Há quem tente comprar as casas que já existiam a que depressa lhes acrescente mais uns quartos por cima. E até há quem tenha aproveitado o estacionamento na rua para fazer mais uns anexos para alugar. O mundo é dos espertos", conta o presidente da associação.

Com o crescimento descontrolado crescem igualmente os furtos de eletricidade e de água. Paulo Faísca explica que no bairro já "ninguém paga luz há uma série de anos": "Quando começaram as demolições toda a gente manifestou interesse em regularizar a situação com a EDP, só que era necessário que a presidente da Câmara também assinasse um documento a dizer que todas aquelas pessoas eram residentes no bairro. Nunca o fez e as estruturas que existiam ou foram demolidas ou saqueadas. Roubaram o cobre. Agora ninguém paga nada".

O mesmo acontece com a água. Quem tem ramais antigos e pagos, faz agora negócios com os vizinhos, para que também estes tenham acesso ao líquido. "A eletricidade é do poste e a água é 'emprestada'", ironiza Paulo Faísca. ■

TEXTO **JOSÉ BENTO AMARO**



IMAGEM **DR**



IMAGENS **DR**

Zero sugere soluções naturais para melhor defesa contra tempestades

OS TEMPORAIS regressaram ao país e o distrito de Setúbal foi dos mais fustigados por rajadas superiores a 100 quilómetros horários e pela chuva intensa. Num momento em que ainda se calculam prejuízos e número de intervenções há, também, quem lembre que mais do que as medidas tomadas no imediato, é importante fomentar a segurança antecipada. O recurso a técnicas baseadas na natureza é uma das recomendações sugeridas pela Zero - Associação Sistema Terrestre Sustentável.

A bacia de retenção da Várzea, em Setúbal, é um dos bons exemplos que os ambientalistas defendem para minorar os estragos provocados pelos temporais. O presidente da Zero, Francisco Ferreira, em conversa com o nosso jornal, lembrou que "muitas soluções baseadas na natureza acabam por ser mais baratas e deixam uma pegada ambiental e paisagística bem melhor do que outras medidas, como são por exemplo a canalização de ribeiras".

"Podemos tomar medidas de curto prazo para aliviar os impactos, mas são as medidas de médio e longo prazo que devemos adotar sempre que possível. A limpeza de sarjetas, por exemplo, é importante, mas mais relevante será ter um bom ordenamento do território, porque é isso que permitirá gastos menores e maior proteção", disse.

Dando exemplos concretos do que entende que deve ser seguido em termos preventivos, Francisco Ferreira refere os cuidados que cada município deve tomar, impedindo sempre que possível a ocupação do território em vertentes ou em zonas de cheia. "As perdas de solo costumam a ser enormes em situações de tempestades como as mais recentes e todas as medidas preventivas devem ser tomadas, a começar pela reflorestação", referiu.

O presidente da Zero explicou depois que há um outro conjunto de medidas que devem ser tomadas em tempo útil e não apenas quando se aproximam as tempestades. Entre essas medidas destaca, por exemplo, os cuidados que se devem ter quando da autorização de obras costeiras que, em sua opinião, resultam muitas vezes na ocupação de zonas de risco. Há ainda, sublinhou, cuidados que deveriam ser tomados para minorar os efeitos da progressiva impermeabilização dos solos: "Uma medida simples é a escolha do alcatrão que se coloca no solo. Há materiais que permitem um melhor escoamento e outros que acentuam a retenção de água à superfície".

No distrito, à semelhança do que foi decretado para todo o território continental, as escolas estiveram encerradas durante a quarta-feira, medida replicada também nos serviços públicos de menor dimensão. As deslocações foram desaconselhadas, assim como a circulação junto a zonas ribeirinhas e locais de inundação. Todos os municípios suspenderam as atividades programadas para o ar livre e em alguns, como por exemplo o de Setúbal, os serviços de proteção civil aconselharam mesmo a população a munir-se de alguns bens de primeira necessidade, nomeadamente lanternas, equipamento médico e de comunicação. ■

TEXTO **JOSÉ BENTO AMARO**

Alcácer reforça vigilância nas barragens para evitar novas inundações

Câmara municipal, agricultores, APA e DGADR trocam informações para aquilatar segurança. Limpeza das linhas de água só deverá ficar totalmente concluída em 2028.

A AUTARQUIA de Alcácer do Sal, a Agência Portuguesa do Ambiente (APA) e diversas associações de regantes estão a proceder à monitorização de um conjunto de barragens que largam água para o Sado na tentativa de evitarem a repetição de cheias e inundações como as do início do ano, que causaram prejuízos na cidade superiores a 50 milhões de euros.

"Iniciámos um conjunto de reuniões de trabalho ainda no verão. Queremos ter acesso contínuo aos níveis de enchimento de cada barragem e também pretendemos estar a par das condições de segurança de cada uma delas, nomeadamente no que diz respeito aos mecanismos de descarga", explicou ao Semmais a presidente da câmara, Clarisse Campos.

A autarca referiu que, para além dos contactos regulares com a APA, existem outros que envolvem a Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR) e um conjunto de várias associações de regantes. "As reuniões de trabalho que têm decorrido traduzem-se na produção de relatórios onde constam os elementos sobre cada uma das barragens. Esta articulação permite ter um conhecimento na hora sobre a capacidade de armazenamento de água de cada uma das estruturas, saber quando necessitam de descarregar e, em consequência, tomar as necessárias medidas na cidade e nas suas imediações", adiantou.



IMAGEM DR

Clarisse Campos disse ainda que a autarquia tem vindo a realizar um conjunto de obras consideradas urgentes e que consistem, sobretudo, na limpeza de linhas de água: "Aproveitámos os apoios financeiros do Fundo Ambiental e já efetuámos diversos trabalhos. Há outros que estão planeados e que deverão ser concretizados em breve, enquanto outros ainda aguardam pela aprovação orçamental".

PROJETOS DE PREVENÇÃO ABRANGEM TODO O CONCELHO

"Na verdade, mesmo sabendo que estamos a desenvolver um conjunto de esforços muito importantes, nunca estamos tranquilos com o que nos poderemos deparar. A Barragem do Monte da Rocha, por exemplo, já está a 72 por cento da sua capacidade total e, no caso de persistirem as chuvas intensas, poderá rapidamente atingir o seu limite e ser obrigada a descarregar. A vigilância tem de ser permanente", disse ainda a presidente da câmara.

Em Alcácer do Sal, o Sado galga rapidamente as margens sempre que as barragens da região são obrigadas a abrir as comportas em simultâneo ou quase. "É uma gestão complexa. Temos aqui na zona as barragens de Pego do Altar, Vale de Gaio, Odivelas, Campilhas, Monte da Rocha e Roxo. É preciso estar atento às descargas mas, em simultâneo, manter uma articulação perfeita com os agricultores locais", acrescenta a autarca, sublinhando que as obras de prevenção que estão projetadas para todo o concelho deverão prolongar-se até 2028. "Há medidas a médio prazo, mas ainda restam vários projetos e concursos à espera de aprovação. Há situações graves, como seja a sustentação de uma das encostas do castelo, que não podem esperar mais tempo. Nessa encosta vamos iniciar em breve os trabalhos que estão estimados em mais de dois milhões de euros", afirmou Clarisse Campos. ■

TEXTO **JOSÉ BENTO AMARO**

Alcochete exige ao Governo fiscalização das depuradoras

A CÂMARA de Alcochete quer que o Governo, através das instituições que zelam pelas áreas de saúde pública, ambiente e fiscalidade reforcem o controlo das depuradoras existentes na península de Setúbal. O executivo entende que o retorno dos apanhadores de bivalves está a fazer renascer uma atividade em que a fiscalização é quase nula e a ausência de legislação adequada permite a prática de atividades que considera "potencialmente perigosas".

Em declarações ao Semmais, o presidente Fernando Pinto começou por considerar que as condições de negociação das toneladas de ameijoa japonesa que diariamente são retiradas do Tejo, na zona de Alcochete e Samouco, se mantém "iguais ao que existia antes de em fevereiro o aumento de água doce no rio, por causa das cheias, ter acabado com muitos dos bivalves e feito com que os apanhadores abandonassem a zona". O edil entende que, neste momento e diariamente, centenas de apanhadores estão a retirar ameijoa e a comercializá-la sem que alguém possa assegurar a sanidade do produto. "As depuradoras da região são poucas e as que existem encontram-se ao Deus-dará. Não existe qualquer tipo de fiscalização e também não há conhecimento de que sejam emitidos relatórios que assegurem a qualidade alimentar", diz.

"Estamos novamente a viver uma situação difícil. Pontualmente verificam-se situações de desrespeito para com o resto da população, seja pelo barulho, desacatos ou danos causados na via pública. Mas não é apenas um problema de



IMAGEM DR

saúde pública, devido à ausência de fiscalização e ao consumo de produtos que supostamente têm grandes doses de toxinas e metais pesados, mas também de segurança na vila, de ambiente, por causa do lixo deixado em qualquer lado, e fiscal, porque ninguém garante que este tipo de atividade seja taxado", adianta.

As críticas do autarca são diretamente direcionadas para os vários executivos governamentais dos últimos nove anos e também para os partidos com assento no Parlamento: "Esta é uma luta que desenvolvemos há muito. Peço com frequência aos governos que formalizem a constituição de uma task-force para que seja alterada a legislação atual, que não permite melhorar a situação, e para que desenvolvam medidas e ações. Todos têm ignorado os alertas. O que se passa atualmente em Alcochete, Samouco e Montijo é uma panela de pressão prestes a rebentar, cheia de problemas que um dia irão alastrar com consequências imprevisíveis em termos de saúde, de segurança e de meio ambiente".

Fernando Pinto diz, por fim, que a autarquia continua a identificar os problemas que surgem e a notificar os ministérios sobre as ocorrências. Um trabalho que, afirma, não tem merecido qualquer retorno por parte dos organismos estatais. ■

TEXTO **JOSÉ BENTO AMARO**

SUSPENSÃO DE VERBAS EXPÕE DIVISÕES NA MOITA

Presidente Carlos Albino declina acusações



IMAGEM DR

TEXTO DAVID MARCOS

A SUSPENSÃO da atribuição de verbas da câmara municipal às juntas de freguesia da Moita e de Alhos Vedros, por alegada falta de resposta a pedidos de esclarecimento, abriu uma 'ferida' entre os três autarcas socialistas. Na origem da discórdia está uma auditoria às contas das juntas, que identificou documentação em falta.

"Isto deixou de ser um relacionamento institucional e passou a ser um ataque pessoal à minha pessoa, à pessoa do Artur", disse ao Semmais o presidente da junta da Moita, Fabrício Pereira, que relaciona o conflito com as eleições de junho para a concelhia do PS, nas quais derrotou Carlos Albino, que procurava a reeleição. "Tudo isto, leva-me a crer que está ligado", uma vez que, afirmou, "foram entregues os relatórios trimestrais previstos no contrato com o município". O autarca disse ainda que o pedido de documentação adicional feito pela câmara é "atípico" e que a edilidade nunca nomeou o gestor de acompanhamento na junta previsto no contrato.

Por sua vez, o presidente da câmara municipal, Carlos Albino disse ao nosso jornal que "o que lhe foi pedido foi muito antes de ele ser presidente da concelhia" e que "a própria linha do tempo desmente o que ele (Fabrício Pereira) está a dizer".

Segundo a câmara, foram transferidos 1,4 milhões de euros para a Moita e 866 mil para Alhos Vedros. Os esclarecimentos foram pedidos em 9 de abril de 2025 e 5 de agosto de 2026. A auditoria terminou no dia 12 de outubro.

Á semelhança do congénere da Moita, Artur Varandas, presidente da junta de Alhos Vedros, diz também ter enviado os relatórios trimestrais e acusa a câmara de não os facultar aos auditores. Associa o conflito às denúncias de descargas de esgotos na freguesia. "O presidente da câmara não quer que façamos denúncias dos esgotos", disse ao Semmais, apontando responsabilidades ao município pela poluição de uma vala que desagua no Parque das Salinas, da qual diz ter análises que comprovam a contaminação.

Na conversa com o nosso jornal, o edil de Alhos Vedros disse ainda que "a decisão foi tomada antes do fim do prazo para as juntas se pronunciarem e alertou para o impacto financeiro da suspensão. "Agora, sem estas verbas, como é que a junta de freguesia pagava os ordenados?", questionou

Já Carlos Albino fez questão de sublinhar o facto das restantes juntas de freguesia "terem entregue a documentação e estarem a colaborar". Rejeita a perseguição política e defende que a suspensão visava garantir a prestação de contas. "É dizer quando, como e onde foi gasto o dinheiro. É só isso", concluiu.

Refira-se que a câmara determinou a suspensão, mas a ratificação do despacho foi rejeitada pelos vereadores da CDU e do Chega em reunião do executivo municipal. ■

PUBLICIDADE

SIMARSUL
Grupo Águas de Portugal

EDITAL

Sistema de Drenagem e Elevatório da Baixa de Palmela para o Subsistema de Setúbal

Resolução de Oneração com Servidões Administrativas sob os bens necessários à construção da infraestrutura

Torna-se público que a **SIMARSUL – SANEAMENTO DA PENÍNSULA DE SETÚBAL, S.A.**, deliberou requerer a Declaração de Utilidade Pública das servidões administrativas necessárias à obra de construção Sistema de Drenagem e Elevatório da Baixa de Palmela para o Subsistema de Setúbal, bem como futura utilização da dita construção, com os fundamentos explicitados na respetiva Resolução de Oneração por Servidão Administrativa, que poderá ser consultada nos editais expostos na Junta de Freguesia da União das Freguesias de Setúbal (São Julião, Nossa Senhora da Anunciada e Santa Maria da Graça) e na Câmara Municipal de Setúbal.

No mapa de servidões e plantas parcelares anexos está cabalmente identificada a servidão administrativa necessária, que incide sobre um prédio também ele plenamente identificado, bem como o estão os respetivos proprietários e terceiros interessados.

Faz-se igualmente saber que os proprietários dos bens afetados terão direito ao pagamento de indemnizações pelos prejuízos resultantes da servidão, existindo proposta devidamente fundamentadas em avaliação efetuada por perito da lista oficial.

Sendo que, de igual modo, e terceiros interessados dos bens afetados terão direito ao eventual pagamento de indemnizações pelos reais e comprovados prejuízos resultantes da servidão.

Para quaisquer esclarecimentos, deverá ser contactada a empresa ARTOP – AERO-TOPOGRÁFICA, LDA., com sede na Rua Tierno Galvan, Torre 3 Amoreiras 8º andar, 1070-274 Lisboa, a/c da Eng.ª Sónia Carvoeiro, telefone 912 562 454.

Quinta do Conde, 13 de outubro de 2026

José Fialho
Presidente do Conselho de Administração

Anexo: Mapa de Áreas

Parcela	Nome e Morada dos Interessados	Concelho Freguesia	Matriz	Descrição Predial	Planta de Ordenamento	Planta de Condicionantes	Confrontações	Área de Servidão (m²)
04	Caixa Geral de Depósitos, S.A.	Setúbal União das freguesias de Setúbal (São Julião, Nossa Senhora da Anunciada e Santa Maria da Graça)	Secção 2A 98		Espaço Cultural e Natural	RAN e Zonas Ameaçadas por Cheias	Norte: Rua Parque Natural da Arrábida Sul: Artigo 59, Secção 2AG Nascente: Autostock, stand de automóveis Poente: Artigo 11, Secção 1A	782
05	Joana Helena Botelho Bandeira Serra Estrada das Machadas 2900-466 Setúbal	Setúbal União das freguesias de Setúbal (São Julião, Nossa Senhora da Anunciada e Santa Maria da Graça)	59 Secção 2AG	2129/199 10318	Espaço Cultural e Natural	RAN e Zonas Ameaçadas por Cheias	Norte: Pinhal dos Ciprestes Sul: Termina em bico com a Estrada Nacional 252 Nascente: Ernesto Pereiro Calhandro Poente: Estrada Nacional 252	407
06	Raúl Proença da Fonseca Melo Vivenda Melo, Lote 10 Setúbal	Palmela Palmela	60 Secção AA	11104/20 071009	Espaços Agrícolas de Conservação (AC1) e REN	Áreas estratégicas de infiltração e de Proteção e Recarga de Aquíferos, Zonas de ameaçadas pelas cheias, Rede de Faixas de Gestão de Combustível, Margens de cursos de água e RAN	Norte: António Alves Pereira Sul: Maria Antónia Tavares Mora Nascente: Caminho Poente: Estrada de Palmela	413

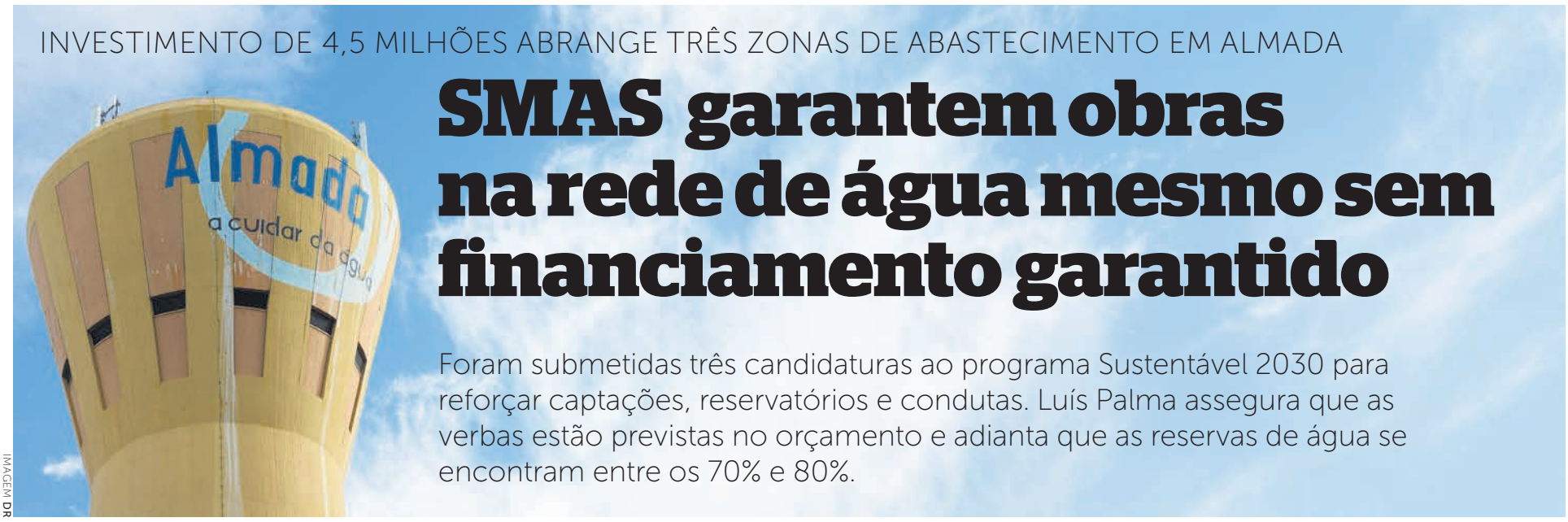


IMAGEM DR

INVESTIMENTO DE 4,5 MILHÕES ABRANGE TRÊS ZONAS DE ABASTECIMENTO EM ALMADA

SMAS garantem obras na rede de água mesmo sem financiamento garantido

Foram submetidas três candidaturas ao programa Sustentável 2030 para reforçar captações, reservatórios e condutas. Luís Palma assegura que as verbas estão previstas no orçamento e adianta que as reservas de água se encontram entre os 70% e 80%.

TEXTO DAVID MARCOS

MESMO sem a certeza de poder vir a beneficiar de financiamento europeu, as obras que visam reforçar o abastecimento de água no concelho vão avançar. Os Serviços Municipalizados de Água e Saneamento (SMAS) de Almada submeteram três candidaturas ao programa Sustentável 2030, para um investimento de 4,53 milhões de euros, destinado à modernização de infraestruturas, novas captações e aumento da capacidade de armazenamento.

A garantia foi dada ao Semmais por Luís Palma, presidente do Conselho de Administração dos SMAS, que assegura que, caso alguma das candidaturas não seja aprovada, as intervenções avançarão "através de recursos próprios, já previstos em orçamento". Já a parcela não coberta pelo apoio comunitário será "autofinanciada pelos SMAS, sem recurso a financiamento bancário".

As candidaturas, que aguardam decisão, poderão beneficiar de uma comparticipação até 85% das despesas elegíveis, através do Fundo de Coesão. Os projetos abrangem Almada e Cacilhas, Costa da Caparica e Sobreda, além da Charneca de Caparica e Aroeira, de modo a reforçar a resposta a períodos de maior consumo, emergências e fenómenos climáticos extremos.

A maior fatia do investimento destina-se à Costa da Caparica e Sobreda, com destaque para a ampliação do reservatório do Lazarim, orçada em 1,7 milhões, e a terceira fase da requalificação das adutoras da EN10.1, num valor de 1,71 milhões. Estão ainda previstos dois novos furos de captação, na Quinta da Carcereira e em Vale Figueira, e equipamentos de desinfeção.

Em Almada e Cacilhas, a substituição da captação subterrânea JK17 representa 395 mil euros. Na Charneca de Caparica e Aroeira, os trabalhos incluem equipamentos de desinfeção no furo II da Marisol e a recuperação do reservatório da Herdade da Aroeira, num investimento superior a 215 mil euros.

INTERVENÇÕES VÃO DURAR CERCA DE TRÊS ANOS

O calendário dos SMAS prevê o início das primeiras intervenções ainda este mês. A requalificação das adutoras deverá terminar em setembro de 2028, enquanto a ampliação do reservatório do Lazarim tem conclusão prevista para março de 2029.

Entre outras prioridades estão quatro novos furos de captação, a reabilitação de condutas e reservatórios e a redução de perdas, além de intervenções nas redes de saneamento e estações de tratamento. Para 2027, estão previstos outros investimentos de 2,5 milhões de euros.

Já sobre as dificuldades sentidas no verão, Luís Palma assegura que "o abastecimento de água está a ser efetuado sem qualquer constrangimento" e que as reservas de armazenamento se encontram "entre os 70% e os 80%".

Sobre os danos das tempestades do início do ano, Luís Palma reconhece que os prejuízos ainda não estão totalmente apurados, por envolverem diferentes serviços municipais. Para preparar o próximo inverno, os SMAS apostam na manutenção preventiva, limpeza de linhas de água e monitorização das redes de drenagem. ■

Já se mede a profundidade do rio para avançar com o cais de Alhos Vedros

O reforço da mobilidade no concelho da Moita servirá também para reforçar a oferta de habitação e a instalação de mais negócios. Custo da obra fluvial ainda não está estimado.



IMAGEM DR

A LIGAÇÃO fluvial entre o Parque das Nações, em Lisboa, e a Moita, através do cais de Alhos Vedros, vai ser uma realidade. Os trabalhos para se conhecer a profundidade do rio Tejo nos dois extremos da carreira já se iniciaram. Para o concelho da margem Sul, este será um passo importante em termos de mobilidade, uma vez que irá reduzir para metade a duração das viagens entre as duas margens e também porque se apresenta como uma mais valia para um concelho que se prepara para aumentar o parque habitacional.

"Não sabemos quando é que a ligação fluvial poderá começar a operar. O que sabemos é que já existe um acordo para que a mesma seja uma realidade. Para já os trabalhos que se estão a realizar procuram identificar a profundidade do rio. Mais tarde será necessário fazer o projeto para o terminal, saber quanto irá custar e determinar quem irá pagar", disse ao nosso jornal o presidente da Câmara Municipal da Moita, Carlos Albino.

O autarca confirmou assim a intenção que também já fora expressa pelo presidente da Transtejo/Soflusa, Rui Ribeiro Rei, que numa recente declaração pública defendeu não só a ligação fluvial da Moita à capital, como enalteceu a consumação de uma outra travessia entre as duas margens, mais concretamente entre Algés e Cacilhas.

TRAVESSIA TERÁ DURAÇÃO DE CERCA DE 20 MINUTOS

Carlos Albino, mesmo sem conseguir precisar quando é que a nova carreira entrará em funções nem qual o seu custo, explicou ao Semmais que a partir do momento em que as embarcações começarem a utilizar o cais de Alhos Vedros, as deslocações que atualmente só se fazem através de viatura própria ou de autocarro, irão ser substancialmente mais rápidas. "Temos um problema grande com a carreira rodoviária 4701, que dá uma série de voltas até chegar a Lisboa. Com a travessia fluvial, a viagem passa a realizar-se em cerca de 20 minutos. Além disso, enquanto o autocarro transporta 55 pessoas de cada vez, as embarcações poderão levar até 500 passageiros por travessia", referiu.

O autarca salientou ainda a centralidade do cais de Alhos Vedros. "É de um valor imenso para quem procura casa ou instalar negócios no concelho. Trata-se de uma infraestrutura que irá servir na perfeição as pessoas que irão habitar os 2.200 fogos já loteados para aquela freguesia. Com a melhoria das acessibilidades e a redução dos impactos ambientais causados pelo tráfego rodoviário, todo o concelho se irá valorizar", disse.

A Transtejo/Soflusa dispões atualmente de 30 embarcações para fazer a travessia do Tejo. Dessas, dez são elétricas. O administrador entende que é possível oferecer melhores serviços às populações da margem Sul fazendo a reconversão de alguns dos barcos mais antigos. ■

TEXTO **JOSÉ BENTO AMARO**

Seixal prevê retirar dos aterros 500 toneladas de roupas usadas

Iniciativa de cariz ambiental, social e económico destina-se à recolha de vestuário, de calçado e de brinquedos. Depois de recuperados, muitos dos materiais serão reaproveitados por quem mais precisa, seja em Portugal ou em África.



IMAGEM DR

A CÂMARA do Seixal iniciou esta semana, em Miratejo, uma campanha que visa retirar anualmente mais de 500 toneladas de vestuário que são deitadas fora e que acabam nos aterros locais. É também uma iniciativa que permite recuperar grande parte dessas roupas, reutilizando-a e enviando-a, em parte, para países africanos carenciados.

A iniciativa, conforme explicou ao Semmais o presidente do município, Paulo Silva, irá permitir igualmente recuperar calçado utilizado e brinquedos abandonados: "Estamos a desenvolver esta tarefa em pareceria com a H Sarah Trading, uma empresa nacional especializada em operações de gestão de resíduos têxteis e devidamente certificada com o Título Único Ambiental, que depois de proceder ao seu tratamento, assim como ao tratamento do calçado e dos brinquedos, prolonga o seu tempo de vida e evita a deposição nos aterros. É, portanto, uma ação de grande significado e alcance ambiental, social e económico".

Os 18 contentores especiais já colocados na freguesia de Miratejo são apenas o início de um projeto que, a curto prazo, se irá estender a todo o concelho. De acordo com Paulo Silva, a intenção do município é a de espalhar 115 recetáculos por todas as localidades do concelho. "É uma iniciativa que pode ser benéfica para milhares de pessoas, que não é dispendiosa e que tem claros benefícios ambientais, uma vez que as roupas nos aterros demoram anos a decompor-se e ocupam um espaço cada vez mais exíguo".

O autarca refere, por fim, que a recolha do vestuário, do calçado e dos brinquedos irá permitir poupar matérias primas e preservar recursos naturais muitas vezes utilizados na confeção. "Só vemos vantagens neste processo de reciclagem e reaproveitamento, por isso acredito que a generalidade da população adira em massa ao projeto e passe a depositar estes bens nos contentores que agora estão a ser distribuídos", afirmou. ■

TEXTO **JOSÉ BENTO AMARO**

Grândola apoia clubes desportivos

A CÂMARA de Grândola aprovou apoios financeiros no valor de 203.068 euros a 13 clubes e associações desportivas do concelho, destinados a assegurar a atividade regular, a formação de atletas e a participação em competições.

Segundo uma nota enviada à nossa redação, os protocolos para 2026 abrangem natação, salvamento aquático, basquetebol, tiro com arma de caça, futebol, karaté, duatlo, triatlo, halterofilismo, hóquei em patins, patinagem artística, pesca desportiva, atletismo, ciclismo, motociclismo e columbofilia. A oferta inclui ainda surf, ginástica e jiu-jitsu, em regime não federado.

As verbas em questão permitem, de acordo com o município, financiar treinos, deslocações, aquisição de equipamentos e organização de torneios, estágios e ações de formação.

Os clubes beneficiam ainda de apoios logísticos, incluindo a utilização de instalações desportivas, cedência de transportes e fornecimento de combustível para viaturas utilizadas nas deslocações. Está ainda previsto o desenvolvimento de projetos de promoção da atividade física junto da população. ■

TEXTO **DAVID MARCOS**

PUBLICIDADE



ANDEBOL EM CADEIRA DE RODAS PROCURA CONQUISTAR PRIMEIRO TÍTULO NACIONAL

Naval Setubalense desafia dificuldades e afirma-se entre os melhores

TEXTO DAVID MARCOS

Com cerca de 14 atletas, incluindo dois jovens recém-chegados, o emblema sadino tem marcado presença nas decisões das principais provas nacionais. O transporte para os jogos fora de Setúbal continua a ser um dos maiores obstáculos.



"CADA VEZ estamos mais próximos", afirma ao Semmais Danilo Ferreira, treinador e responsável pela modalidade, que pretende continuar a elevar o nível competitivo da equipa. "O meu trabalho é sempre que os meus atletas do Naval melhorem cada vez mais, no sentido de ter objetivos altos, de ganhar jogos e de um dia ganharmos algum título dentro do nosso país", acrescenta.

O projeto de andebol adaptado nasceu no clube em 2014, inicialmente destinado a jovens com deficiência intelectual. A vertente em cadeira de rodas surgiu mais tarde, depois de um grupo de atletas que já tinha passado por outras equipas de Setúbal ter manifestado interesse em representar o Naval.

Atualmente, o plantel reúne entre 12 e 14 praticantes, incluindo dois jovens de 13 e 17 anos que começaram recentemente a treinar com jogadores mais experientes. Entre os atletas encontram-se dois campeões europeus e um campeão mundial. "Acho que a cidade pode e deve orgulhar-se da equipa", salienta Danilo Ferreira, que também desempenha funções de selecionador nacional nesta vertente da modalidade.

A experiência do treinador no andebol convencional reflete-se também no trabalho desenvolvido com a equipa. "Os fundamentos do andebol são os mesmos. A linguagem utilizada é a mesma", explica o técnico, que procura adaptar os exercícios às capacidades de cada praticante, sobretudo no controlo e utilização da cadeira de rodas. O objetivo é que cada atleta consiga atingir o melhor desempenho possível, respeitando as suas limitações físicas.

MODALIDADE CONSEGUE TRANSFORMAR VIDAS

Não obstante a importância dos resultados desportivos, a meta do projeto passa por proporcionar aos praticantes oportunidades de integração e uma maior autonomia no quotidiano. Danilo Ferreira recorda o caso de um atleta que, depois de um acidente que o deixou em cadeira de rodas, encontrou novos objetivos através do andebol e chegou a conquistar títulos internacionais.

"Essa mesma pessoa dentro de um campo a competir deixou de ser o coitado e passou a ser um atleta", sublinha o treinador, para quem o desporto é uma das maiores ferramentas de integração social. A prática regular permite também desenvolver força, agilidade e mobilidade, capacidades que os desportistas podem transportar para a vida diária.

Apesar da evolução competitiva, as deslocações continuam a representar um dos principais obstáculos. Numa viagem com dez jogadores, é necessário, além dos equipamentos, transportar 14 cadeiras, sendo que as utilizadas em competição não são dobráveis.

A falta de viaturas adaptadas obriga frequentemente ao recurso a carros particulares, e as condições de alguns pavilhões também dificultam a prática desportiva. O responsável lembra que todo o trabalho assenta no voluntariado, desde os atletas aos treinadores e dirigentes. ■

Trail Vitoriano celebra dez anos entre os trilhos de Ermidas e Grândola

Organizada pelo Vitória Futebol Clube Ermidense, a prova realiza-se domingo com percursos de 21 e 13 quilómetros e uma caminhada de dez, num desafio acessível a diferentes atletas.

O TRAIL Vitoriano regressa este domingo para celebrar a décima edição, com mais de 500 participantes confirmados. Organizada pelo Vitória Futebol Clube Ermidense, a prova volta a percorrer trilhos dos concelhos de Santiago do Cacém e Grândola, numa iniciativa que tem vindo a ganhar expressão no panorama desportivo da região.

"A nossa linha de pensamento é fazer um percurso que dê para os prós e para aqueles que não são prós", explica ao Semmais Elisabete Felicidade, presidente do clube. A dirigente considera essencial manter este equilíbrio para continuar a atrair tanto atletas experientes como participantes com menor preparação física.



IMAGEM DR

Com distâncias de 21 e 13 quilómetros, além de uma caminhada de dez, os percursos atravessam as paisagens naturais da zona do Lousal, apresentando uma altimetria relativamente reduzida face a outras competições da região. Ainda assim, as alterações introduzidas no ano passado, explica a dirigente, aumentaram a dificuldade dos dois trails, um nível que deverá manter-se nesta edição.

Entre os participantes confirmados contam-se mais de 270 mulheres, além de atletas de vários pontos do país. A presidente destaca a proximidade entre os nove clubes do concelho, que procuram participar nas iniciativas uns dos outros. "Normalmente procuramos sempre ir à prova do vizinho", refere.

Na primeira edição, recorde-se, o percurso limitava-se a Ermidas-Sado, mas acabou por chegar ao concelho de Grândola, contribuindo para a visibilidade da competição. Para Elisabete Felicidade, o interesse dos participantes explica-se também pelo convívio proporcionado fora dos trilhos.

O almoço que se segue à prova reúne habitualmente cerca de 400 pessoas, a capacidade máxima do pavilhão, e conta com o apoio do comércio e de fornecedores locais. "As pessoas acabam por gostar muito do dia em si e não só do percurso", sublinha a dirigente, que aponta a qualidade dos prémios e dos produtos regionais como outros fatores de atração.

Para assinalar os dez anos, a organização investiu mais nas camisolas dos participantes e procurou manter os preços de inscrição. A decisão reduz a margem financeira desta edição, mas corresponde à intenção de melhorar a experiência e incentivar o regresso dos atletas.

Apesar de constituir uma fonte importante de receita para o Vitória Futebol Clube Ermidense, a prova representa sobretudo um motivo de orgulho para a coletividade. "É a é a nossa única prova e é muito importante para a freguesia e para o concelho", afirma Elisabete Felicidade. ■

TEXTO DAVID MARCOS

PUBLICIDADE

GALERIA MUNICIPAL DO MONTIJO

O VERDE QUE NOS HABITA

EXPOSIÇÃO DE ARTES VISUAIS

PAULO CANILHAS



10 de outubro a
21 de novembro de 2026

Montijo
Câmara Municipal

galeriamunicipalmontijo

terça a sábado das 9h00 às 12h30
e das 14h00 às 17h30

Galeria Municipal do Montijo
Rua Almirante Cândido dos Reis, 12
2870-253 Montijo
telefone 21 232 77 36
e-mail cultura@mun-montijo.pt
www.mun-montijo.pt



IMAGEM DR

PASSOS E COMPASSOS/DANÇARTE PROMOVE 29.ª SEMANA DA DANÇA

Espetáculos, ateliês e cinema nos palcos de Palmela

Espetáculos para famílias, tango, cinema e oficinas marcam a 29.ª edição. Sofia Belchior destaca a aproximação de públicos e antecipa mudanças na programação do próximo ano.

TEXTO DAVID MARCOS

A SEMANA da Dança regressa ao concelho de Palmela entre os dias 18 e 29 deste mês, com atividades para diferentes gerações. Promovida pela Passos e Compassos/Dançarte, em parceria com a autarquia local, a iniciativa combina espetáculos, ateliês, cinema e propostas dirigidas às comunidades educativa e sénior.

Para Sofia Belchior, diretora artística da estrutura, concentrar estas atividades permite dar atenção a uma arte "que muitas vezes é descurada". Em entrevista ao Semmais, sublinha que a iniciativa constitui "uma porta de entrada para a aproximação de públicos", permitindo que conheçam o trabalho desenvolvido ao longo do ano e acompanhem "outros desafios".

A programação abrange públicos "dos 0 aos 100". O espetáculo familiar "S de SER", da DançArte, apresenta-se no dia 22 às 16h00, no Cine-Teatro S. João, depois de uma sessão para a comunidade educativa em Águas de Moura. Já "TU-TUUU", criação de dança e música para bebés, regressa ao mesmo palco a 29, às 11h00 e às 12h00. Estreado no início do ano, volta porque "nem todas as pessoas tiveram a possibilidade de ver em Palmela", explica a responsável.

O dia 27 é dedicado ao tango, com um ateliê orientado por Graciana Romeo e Juan Capriotti, às 18h30, e um espetáculo do Ensemble Novo Tango, às 21h30, com temas de Astor Piazzolla.

A Semana da Dança contempla ainda visitas ao teatro, cinema no Poceirão, uma oficina para seniores e exposições.

REFORÇO DAS PARCERIAS ENTRE OS PROJETOS FUTUROS

Criada em 1997, a iniciativa foi mudando de formato. "No início, quando a desenhámos, não pensámos que ela iria atingir a projeção que ao longo dos anos foi atingindo", reconhece a diretora artística. O crescimento da programação permitiu que projetos como o "Programar um Passo", dedicado a residências artísticas, ganhassem autonomia, enquanto os espetáculos para a comunidade educativa passaram também a decorrer noutras alturas do ano. "Neste momento há muito mais atividades ao longo do ano e menos centradas nesta Semana da Dança", explica.

A responsável considera que o projeto funciona "quase como uma marca que as pessoas já conhecem", tanto em Palmela como no panorama nacional da dança. A regularidade da iniciativa, realizada habitualmente em novembro, contribuiu também para consolidar essa ligação com o público.

Na preparação da 30.ª edição, a organização pretende reforçar parcerias e encontrar uma orientação mais definida. "Queremos dar-lhe uma nova linha em termos de programação, uma linha única e que não seja só um aglomerado de atividades", adianta Sofia Belchior, explicando que a ambição passa por privilegiar a qualidade em detrimento da quantidade. "Pensamos que tem muito para crescer, não na ideia de fazer mais, mas sim na ideia de fazer melhor", sublinha. ■



IMAGEM DR

A segunda parte de Clarinet Stories reúne obras de três compositores e a participação do ator João Jacinto. O projeto, estreado em 2025, deverá dar origem a um álbum no próximo ano.

Rúben Jacinto cruza clarinete e teatro em histórias de música contemporânea

O CLARINETISTA Rúben Jacinto apresenta no sábado, no Cinema-Teatro Joaquim de Almeida, "Clarinet Stories II", uma proposta que combina música contemporânea, eletrónica e teatro. Em palco, na sala montijense, estará também o ator João Jacinto, seu irmão, para interpretar um trabalho teatral baseado em obras de Simone Spagnolo, Jaime Reis e Nuno d'Eça.

Em entrevista ao Semmais, o músico explica que a iniciativa nasceu do gosto pela criação contemporânea e pelo diálogo com os compositores. "Sempre tive um interesse particular em tocar música nova e participar nesse processo", afirma, explicando que a colaboração com Simone Spagnolo, antigo colega de mestrado em Londres, foi uma das origens do projeto.

A primeira parte de Clarinet Stories estreou em outubro de 2025 na Casa da Música Jorge Peixinho, que acolheu uma residência artística para ensaios e gravações. Com apoio da DGARTES a iniciativa deverá resultar num álbum editado pela Da Vinci Classics em 2027.

A participação de João Jacinto acrescenta uma dimensão teatral às peças de Spagnolo, inspiradas na estética "noir". Nesta narrativa, o público acompanha um músico de jazz atormentado por uma paixão por uma mulher misteriosa, que é apresentada através de duas perspetivas. "Existe aqui uma grande simbiose entre o que está a acontecer no texto e o que está a acontecer na música", explica o clarinetista.

Já a composição, "The Egg", de Nuno d'Eça, inspira-se num conto de Andy Weir sobre um homem que, depois de morrer, procura compreender a própria existência. O clarinete representa a dimensão humana e a eletrónica uma entidade desconhecida. A encenação inclui uma sala de estar e momentos de improvisação em que Rúben Jacinto desmonta o instrumento até tocar apenas com a boquilha. "Tem um lado visual que também acho que cativa muito quem está a ouvir", considera.

Por sua vez, a obra "Flux" de Jaime Reis, explora os limites sonoros do instrumento, recorrendo a técnicas pouco habituais. Segundo o músico trata-se de "uma peça que tem um lado muito de vanguarda", com momentos em que o clarinete produz sons "muito diferentes daquilo que é o som normal".

Apesar das diferenças entre as composições, Rúben Jacinto encontra um ponto comum nos três autores. "São pessoas que no meu entender têm uma personalidade forte, vincada, e que procuram realmente uma voz que é só deles", sublinha. Essa diversidade permite mostrar outras possibilidades de um instrumento que considera "muito versátil" e cuja sonoridade continua a ser explorada pela criação contemporânea. ■

TEXTO DAVID MARCOS

Sara Batista nomeada para Mostra Nacional Jovens Criadores 2026

Grata e feliz por estar nomeada para a Mostra Nacional Jovens Criadores 2026, a atriz reconhece que o seu trabalho e a dedicação ao teatro começam a dar os seus frutos.

A ATRIZ SETUBALENSE Sara Batista é uma das nomeadas da Mostra Nacional Jovens Criadores 2026, na categoria de Teatro. Com quinze áreas artísticas, cada uma com oito projetos a concurso, a iniciativa destina-se a premiar o talento de jovens artistas residentes em Portugal, dos 16 aos 30 anos. A gala da revelação dos vencedores e a entrega de prémios realiza-se em dezembro, em Guimarães.

Uma "imensa gratidão e felicidade" brilham no coração da atriz de 27 anos, formada em Mestrado em Ator e Encenador, pela Universidade de Évora, em 2022, e licenciada em Animação e Intervenção Sociocultural, pelo Instituto Politécnico de Setúbal, em 2020. "Só o facto de estar nomeada, já, é, para mim, um enorme prémio. Quando soube, gritei de felicidade. É uma sensação boa ver algo para o qual trabalhei tanto e no qual sempre acreditei, dar frutos desta forma", revelou ao Semmais.

Sara Batista já colaborou com a Companhia Rituais dell' Arte, Porta 13, Companhia de Teatro Bons Augúrios e Associação Setúbal Voz. Além disso, fez um estágio académico em 2020, com o Teatro Estúdio Fontenova, e, em 2022, com o Teatro O Bando. Colaborou, ainda, com o ATA do Pinhal Novo. "Adorava colaborar com mais grupos de teatro, de dar aulas de teatro na minha cidade, de criar uma peça infantil e de trazer até Setúbal o 'Sermão aos Peixes, se por cá passarem'", desabafa.



IMAGEM DR

"ÁRIAS DE LUÍSA TODI" MARCAM ESTREIA COMO AUTORA

A estreia profissional aconteceu em 2023 e, desde aí, já participou em dez espetáculos, entre teatro musical, ópera e teatro imersivo. A sua primeira criação de autora foi em 2024, com "Árias de Luísa Todi", a qual escreveu, encenou e interpretou. Quanto ao espetáculo que irá apresentar em Guimarães, "Sermão aos Peixes, se por acaso cá passarem", desvenda que iniciou o processo de escrita em 2023. Dois anos depois, no âmbito de uma residência artística promovida pelo Teatro ao Quadrado, apresentou o referido espetáculo no Festival Humanifest. "Desde aí, tenho vindo a 'polir' esta peça para a poder apresentar, também, num espaço convencional".

Sara Batista dá aulas de teatro no Montijo, está a ensaiar uma peça de Natal para a infância, na Companhia Magoland, de Lisboa, é animadora sociocultural, e trabalha, regularmente, com a Ocean Alive, como Guardiã do Mar. "O teatro é um espaço onde me posso exprimir livremente, onde me divirto e sinto bem. O teatro é uma arte que transmite mensagens", sublinha.

Reficar-se que a MNJC é, desde 1997, o programa de promoção de novos criadores mais relevante em Portugal, um projeto do Instituto Português do Desporto e da Juventude. A iniciativa pretende estimular a criação artística emergente, promover novos talentos e reforçar oportunidades de apresentação pública. ■

TEXTO **ANTÓNIO LUÍS**

Maria do Céu Guerra e Maria Rueff fecham EmCena 2026

O EMCENA 2026 despede-se do público do Litoral Alentejano com três sessões esgotadas de "Happy New Lear", espetáculo que reúne Maria do Céu Guerra e Maria Rueff. Depois da apresentação de quinta-feira em Santiago do Cacém, a produção de A Barraca chega esta sexta-feira ao Auditório Mário Primo, em Vila Nova de Santo André, e encerra a programação no sábado, no Centro de Artes de Sines.

Para Mário Primo, fundador da associação Ajagato, responsável pela iniciativa, a escolha representa "a cereja no topo do bolo" de uma edição marcada pela resposta positiva dos espectadores. O responsável, em conversa com o Semmais, explica que o público avalia cada espetáculo e que as classificações atribuídas ao longo do ano foram sempre elevadas.

A ligação das duas protagonistas ao público da região é outro aspeto destacado pelo programador. Maria do Céu Guerra, é "uma amiga" da estrutura e presença habitual nas iniciativas da Ajagato, enquanto Maria Rueff já tinha passado pelo EmCena com "António e Maria", um texto de António Lobo Antunes com encenação de Miguel Seabra.



IMAGEM DR

Com texto de Patrícia Portela, inspirado na obra de Shakespeare, a peça cruza um aristocrata idoso, perdido numa estação de serviço, com uma comediante cujo carro avaria a caminho de uma atuação de fim de ano. A viagem tragicómica transporta a história de "Rei Lear" para os problemas atuais, entre os quais o abandono, a velhice, a precariedade e a indiferença.

"O teatro é uma arte maior, é uma arte plural, onde convergem diferentes formas de abordagem, diferentes leituras, diferentes estéticas", afirma Mário Primo ao Semmais. O responsável sublinha a tradição de A Barraca em apresentar textos que questionam a sociedade, mas lembra que o EmCena também acolhe propostas mais lúdicas. "Eu, como programador, tenho que estar aberto a esta diversidade", acrescenta, salientando que procura projetos de "grande qualidade artística, de grande qualidade técnica".

Enquanto criador, defende um teatro que envolva o público para além da história contada, valorizando a dimensão emocional e sensorial dos espetáculos e a capacidade de o ajudar a sentir-se "mais vivo, mais humano, mais sensível". ■

TEXTO **DAVID MARCOS**

Agenda



47º ANIVERSÁRIO DO CORAL INFANTIL DE SETÚBAL

O Coral Infantil de Setúbal e o Coro Feminino Tutti Encantus juntam-se à Banda Municipal do Barreirol, no palco do Fórum Luísa Todi, num concerto que convida o público a revisitar algumas das mais emblemáticas bandas sonoras do cinema.

Setúbal
14 de novembro, às 21h00



"CALLE MÁLAGA"

Realizado por Maryam Touzani, o filme, em exibição no Cineteatro João Mota, acompanha uma viúva que vive em Tânger e procura preservar a casa de família, contrariando a vontade da filha, que pretende vendê-la.

Sesimbra
14 de novembro, às 21h30



"SUNGLASSES DIXXIEBAND"

O grupo de jazz apresenta-se com Carlos Esperança no trompete e voz, Marta Jales e Nuno Cascalho nos trombones, Maria Cartaxo no saxofone soprano, Cristiana Silva no piano, Patrícia Serrão e Leonor Oliveira nas guitarras, Olavo Cruz no baixo e Filipa Mosca na bateria.

Almada
14 de novembro, às 21h30



"PEQUENOS ATIVISTAS - MU QI E OS SEIS KAKIS"

Inspirada na pintura "Six Persimmons", do monge chinês Mu Qi Fachang, a proposta acompanha uma viagem ao Japão e a descoberta do dióspiro, um fruto até então desconhecido.

Montijo
14 de novembro, às 11h00

EDITORIAL
RAUL TAVARES
DIRETOR

Quando o mau tempo não pode apanhar-nos desprevenidos

Há fenómenos naturais que não conseguimos evitar, mas há consequências que podemos e devemos prevenir. A preparação dos territórios, a organização dos meios de socorro e a articulação entre entidades são tão importantes como a resposta à emergência. A sul do Tejo, onde coexistem grandes concentrações urbanas, zonas industriais, áreas florestais e territórios de menor densidade, esta é uma responsabilidade que não pode ser adiada.

As tempestades sucedem-se, a chuva intensa provoca inundações, o vento derruba árvores e estruturas, as linhas de água transbordam e, por vezes, basta algumas horas de mau tempo para expor fragilidades que durante meses passaram despercebidas. Não se trata de dramatizar os efeitos das alterações climáticas, mas de reconhecer que os fenómenos extremos fazem cada vez mais parte dos riscos com que temos de aprender a conviver.

O problema é que continuamos, demasiadas vezes, a funcionar numa lógica de reação. Mobilizam-se bombeiros, forças de segurança, serviços municipais e equipas de emergência quando a situação já está instalada. É indispensável que assim seja, mas não chega. A proteção das populações começa muito antes de soar o primeiro alerta.

Prevenir significa limpar e desobstruir linhas de água, assegurar a manutenção dos sistemas de drenagem, identificar zonas de risco, proteger infraestruturas críticas, gerir a floresta e preparar respostas para situações de isolamento ou interrupção de serviços essenciais. Significa também saber antecipadamente quem faz o quê, com que meios e em que circunstâncias.

A sul do Tejo, esta necessidade ganha uma dimensão particular. A Península de Setúbal concentra centenas de milhares de pessoas, importantes polos industriais e logísticos, infraestruturas rodoviárias e ferroviárias, zonas ribeirinhas e áreas de elevado valor ambiental. Mas também tem territórios rurais e localidades onde a distância aos principais centros de socorro pode constituir uma dificuldade acrescida. Uma ocorrência de grande dimensão pode rapidamente ultrapassar as fronteiras de um concelho e exigir uma resposta coordenada de toda a região.

É aqui que importa discutir a organização dos meios de prevenção e socorro. Os bombeiros são, naturalmente, uma peça fundamental, mas não podem ser deixados sozinhos perante responsabilidades que exigem planeamento, investimento e capacidade de mobilização de todo o sistema de proteção civil. É necessário conhecer os recursos disponíveis, garantir equipamentos, reforçar a formação, testar os planos de emergência e assegurar uma articulação efetiva entre municípios, autoridades nacionais, forças de segurança, serviços de saúde e entidades responsáveis pelas infraestruturas.

A cooperação entre os nove municípios da Península de Setúbal, também através da sua Comunidade Intermunicipal, poderá representar uma oportunidade para pensar esta matéria numa escala territorial mais ampla. Há riscos que não conhecem fronteiras administrativas e recursos que podem ser mais bem aproveitados quando existe planeamento conjunto. A capacidade de resposta regional não se constrói apenas no momento da emergência. Constrói-se com conhecimento, prevenção e compromissos assumidos antecipadamente.

Também não podemos esquecer os cidadãos. A informação, a sensibilização e a preparação das famílias, das escolas, das empresas e das instituições são dimensões essenciais de uma cultura de segurança que ainda precisamos de consolidar. Sobretudo quando estão em causa pessoas idosas, cidadãos com mobilidade reduzida ou populações mais vulneráveis, que podem necessitar de apoio específico em situações de calamidade.

Não sabemos quando chegará a próxima tempestade, nem qual será a sua intensidade. Mas sabemos que ela chegará. E sabemos também que a diferença entre um episódio meteorológico difícil e uma situação de verdadeira calamidade pode estar naquilo que fizemos antes de acontecer.

A prevenção não dá fotografias tão impressionantes como uma operação de socorro, nem produz resultados políticos imediatos. Mas poupa vidas, reduz prejuízos e protege comunidades. É, por isso, um investimento público que não pode ser tratado como despesa secundária ou lembrado apenas quando o mau tempo ocupa as primeiras páginas.

Não podemos controlar a natureza. Mas temos a obrigação de preparar os territórios e organizar os meios para que as suas consequências não nos encontrem impreparados.



REPRESSÃO NÃO, HABITAÇÃO SIM

ARTUR VAZ
ESCRITOR

Não posso deixar de falar com algum detalhe e pormenor sobre o assunto que está na ordem do dia: a habitação.

É meu propósito não aceitar frágeis argumentos que, dada a sua fragilidade, induzem a conclusões vãs e obtusas face à realidade dos acontecimentos.

Esse facto obriga-me a optar pelo bom senso, mesmo que esteja sujeito a polémicas e a que me digam que «não devo meter a foice em seara alheia», ou «quem te manda a ti, sapateiro... tocar rabecão!».

Mas, caros leitores, há coisas sobre as quais me falta a paciência e até o discernimento para acatar, aceitar ou mesmo entender.

Por exemplo, após 52 anos de um regime democrático, o país foi recentemente alvo de um entendimento - pela primeira vez - de um Decreto-Lei n.º 406/74 do PREC (Processo Revolucionário em Curso), de 29 de Agosto de 1974, altura em que ainda não existia a Constituição de 1976, que adveio do Abril Democrático.

Segundo o artigo 45.º da Constituição Portuguesa, no ponto 1, os cidadãos têm o direito de se reunir, pacificamente e sem armas, mesmo em lugares abertos ao público, sem necessidade de qualquer autorização. No ponto 2, está explícito que a todos os cidadãos é reconhecido o direito de manifestação.

Ora, em face dos factos ocorridos, várias questões se levantam: A manifestação em Lisboa, no Rossio, não era pacífica? As pessoas que estavam nas tendas possuíam armas? Por que razão concreta surgiu a brutal carga policial a bastonada, utilizando armas Taser e cães, originando 27 feridos?

Este episódio, em plena Democracia, é consubstanciado como algo de fascizante. Direi mesmo que, durante o mesmo, o país andou em permanente ausência dos líderes institucionais (PR e PM), embora depois após um incompreensível silêncio, vieram afirmar «que não gostaram das imagens que viram».

É pertinente registar que face ao sucedido deve-se ser intransigente com atropelos aos direitos democráticos, cabendo a António José Seguro salvaguardá-los no cumprimento da Constituição que jurou solenemente defender.

Evidente que a resolução do problema da habitação não evoluiu como se esperava ao longo dos governos. Esta carência não se resolve, nem se prevê que venha a ser solucionada da melhor forma, com bastonadas, mas sim com diálogo entre todos os intervenientes (governo, partidos políticos, autarquias e banca).

É tão notória a falta de capacidade de decidir da nossa classe política, de fazer e de executar, que chega a ser confrangedor.

Este difícil e assustador acto decisório leva-nos à crua realidade: Portugal precisa de descobrir o que deve fazer, mas, antes disso, desembaraçar-se de certos espartilhos e fazer o que lhe compete para sarar esta chaga social.

Não se pode perder terreno só porque se procedeu mal. Vamos unir esforços, deixando de lado o interesse na captação de votos e a opinião com extremismos ideológicos, em absoluto prejuízo, para encobrir uma incapacidade de arregaçar as mangas.

semmais / Ficha Técnica

Diretor **Raul Tavares** / Redação, **Anabela Ventura, António Luís, Cristina Martins, David Marcos, José Bento Amaro** / Coordenação Comercial **Cristina Almeida** / Direção de arte **Pedro Frade** / Design e paginação **Arlinda Correia** / Serviços Administrativos e Financeiros **Mila Oliveira** / Distribuição VASP e Maiscom, Lda / Propriedade e Editor **Maiscom Edição e Publicações, Unipessoal**, Lda; NIPC 513 409 246 / Capital Social **Raul Manuel Tavares Pereira** (100%) / Redação Largo José Joaquim Cabecinha nº8-D, (traseiras da Av. Bento Jesus Caraça) 2910-564 Setúbal. E-mail: publicidade.semmais@mediasado.pt; Semmaisjornal@gmail.com / Telefone: 93 53 88 102 / Impressão Empresa Gráfica LUSOIBÉRIA, Av. da República, nº 6, 1050-191 Lisboa / Tiragem 20.000 (média semanal) / Reg. ICS: 123090. Depósito Legal; 123227/98 / **semmais**.pt / /jornalsemmais



UM CAFÉ E DOIS DEDOS DE CONVERSA

PAULO EDSON CUNHA
DEPUTADO PSD

O "CHARLES" É UM CHARLATÃO

Há um provérbio tacanho que diz que mais vale prevenir do que remediar. Pelas reações coletivas à passagem – ou melhor, ao desvio educado – da tristemente famosa tempestade Charles, percebe-se que este ditado está obsoleto. No distrito de Setúbal e arredores, o país esteve em pulgas, colado aos ecrãs e a rezar... não para que o cataclismo passasse ao lado, mas parece que, secretamente, por um final de época digno de Hollywood com telhas a voar e carros submersos na Baía.

Quando o Governo decretou a situação de alerta e o IPMA pintou o mapa de vermelho – com Setúbal, Lisboa e outros distritos sob o signo do perigo máximo –, a Proteção Civil mexeu-se. Fecharam-se escolas, suspenderam-se transportes, recomendaram-se cautelas e os barcos pararam no estuário. Tudo funcionou. As autoridades fizeram o que lhes compete: anteciparam o pior para evitar o fatal.

Há quem espere sempre pela tragédia para valorizar a prudência, mas a verdade merece ser dita: a gestão da recente ameaça da tempestade Charles foi um exemplo notável de maturidade cívica e governativa. Desta vez, vale a pena inverter a lente e elogiar quem fez exatamente o que devia ser feito.

Em primeiro lugar, o Governo e a Proteção Civil estão de parabéns pela prontidão. A ativação atempada do gabinete de crise e a emissão de alertas claros não demonstraram alarmismo desnecessário, mas sim um profundo sentido de responsabilidade preventiva. Antecipar o pior para evitar o irremediável é a verdadeira essência da governação de proteção pública.

Por outro lado, o maior aplauso vai para as pessoas e para as empresas. Perante o desafio lançado pelas autoridades, a resposta foi exemplar. A sociedade civil soube adaptar-se, suspendeu rotinas de risco, protegeu bens e salvaguardou vidas. Esta sintonia perfeita entre o Estado e os cidadãos prova que, quando a fasquia da segurança é colocada alto, sabemos corresponder coletivamente.

Mas eis que a tempestade Charles, com um sentido de oportunidade duvidoso, desviou-se ligeiramente da rota apocalíptica inicialmente desenhada, optando por ser menos feroz no continente do que os modelos mais cinzentos ameaçavam e o drama nacional aconteceu.

Ora, para o cidadão comum armado em comentador de meteorologia de sofá, foi a gota d'água. Em vez de um suspiro de alívio por Setúbal não ter acordado debaixo de metros de lama e com telhados desabados, instalou-se a indignação coletiva. "Vês? Estão a ver como alarmistas?", "Fizeram uma OPA ao país por nada!", "Perdi uma manhã de trabalho em casa para quê?".

Parece, francamente, que há quem sinta uma profunda nostalgia de catástrofe. Se as autoridades cruzam os braços e o pior acontece, são incompetentes e cabeças rolam. Se arregaçam as mangas, fecham o que há a fechar, mobilizam meios e o fenómeno decide abrandar o passo... a culpa é do excesso de zelo. Afinal, queriam o quê? Que a Proteção Civil consultasse as cartas de tarô em vez dos radares do IPMA? Que apostassem na roleta russa com a vida de milhares de cidadãos só para garantir emoção nos telejornais?

A desilusão de ver um aviso vermelho transformar-se num dia relativamente calmo diz muito sobre a nossa sede de drama. Queríamos o cenário dantesco, a adrenalina do fim do mundo em ponto pequeno, só para podermos resmungar com razão. Ficar em casa em segurança, com a eletricidade a funcionar e os cabos de alta tensão intactos, tornou-se enfadonho.

Da próxima vez, talvez a Proteção Civil deva deixar a tempestade entrar à vontade, destruir um par de freguesias e cortar estradas, a ver se o público aplaude a precisão milimétrica da desgraça. Até lá, continuaremos a criticar quem nos protege por ter feito exatamente... o seu trabalho.

Mas este episódio pode ter sido um ponto de viragem fundamental para o futuro da nossa resiliência. Um pouco por toda a Europa, os governos têm apelado insistentemente aos cidadãos para que mantenham em casa um kit de emergência com bens essenciais para os primeiros dias de crise. Claro que nesses casos por causa da guerra iminente, que no fundo já existe (a guerra híbrida) e não por causa de uma tempestade.

Curiosamente, a perspetiva da tempestade Charles acabou por funcionar como um catalisador involuntário, mas altamente eficaz. Por precaução, milhares de famílias e trabalhadores acabaram por reunir mantimentos, água, lanternas e estojos de primeiros socorros.

Fizemos, indiretamente e a tempo, o dever de casa que os parceiros europeus tanto preconizam. Que este susto sem danos sirva de lição permanente: a melhor tempestade é sempre aquela que nos apanha prevenidos.



À PARTE

LEVI MARTINS
DIRETOR DA COMPANHIA MASCARENHAS-MARTINS

TEMPESTADE

Que estranho silêncio lá fora. Escrevo-vos a 10 de Novembro de 2026, na véspera de uma tempestade que, de acordo com as previsões, poderá deixar marcas profundas. Não conseguimos negociar com a natureza, não se submete à lógica de mercado, a qualquer lei da oferta e da procura. É como é: implacável, insensível, insaciável. Fazermos parte da natureza e, talvez por isso, tenhamos construído uma imagem à sua semelhança, como se tivéssemos o mesmo tipo de poder. Não temos. E a consciência desse facto devia fazer-nos pensar na forma como nos comportamos perante as evidências. Preferimos a ficção, a ilusão, o desvio para um abrigo seguro que só existe na nossa infinita capacidade de evitar o confronto com o real, com aquilo que nos invade na sua obviedade. Três árvores não são cinco, nem duas, são três. Podemos jurar o que quisermos, mas se alguém pegar em nós nos arremessar contra cada um delas, o que vai acontecer é que iremos sentir a violência da natureza e de uma lógica que teimamos em não aceitar. Uma tempestade é uma tempestade é uma tempestade. E podemos dar as mais criativas piruetas linguísticas e argumentativas, mas a chuva e o vento vão desfazer-nos a imaginação por via da materialidade do corpo, vão molhar-nos e desequilibrar-nos se nos atrevemos a tentar contrariar a sua força primordial, perante a qual somos completamente irrelevantes. Só uns pedaços de matéria, como tantos outros, à mercê de uma fúria sem consciência e sem sentido. A tempestade trata da mesma forma quem a nega e quem a aceita – perante a tempestade ou a natureza, somos iguais na nossa insignificância.

Se sobrevivermos a esta, parece-me que devemos pensar numa outra força da natureza que nos é mais próxima, que é a nossa enquanto espécie, a nossa enquanto colectivo que se vai organizando em torno de um horizonte qualquer que ninguém em particular define, mas que vai sendo definido pela soma das forças individuais, seja por acção ou omissão. O direito a cada um ter um abrigo é um exemplo da soma dessas forças, à parte de ideologias – que são também ilusões ou projecções. Nenhuma espécie sobrevive sem abrigo, sem um lugar seguro em que possa exercitar a potência da sua natureza. Considerar que esta necessidade pode ser negociável – que pode ser um negócio – é uma negação da natureza e uma demonstração de uma incapacidade de se compreender uma das características mais elementares da existência humana. Não há negociação possível com uma tempestade, a tempestade não fala a língua do dinheiro, é-lhe completamente indiferente o que conseguimos acumular ou lucrar ao longo dos anos. Também não há negociação possível com a soma das forças individuais que constituem a natureza humana, natureza essa que tem sido testada até ao limite da sua tolerância, regateada até ao ponto de começar a duvidar do seu sentido existencial. Tal como respeitamos a inegável força da natureza, penso que está na altura de começarmos a perceber que está na hora de nos escutarmos e percebermos que a lógica em que temos vivido, que nos divide e coloca em confronto permanente, só pode estar a chegar ao fim.

ERRATA

Na última edição, no título da peça sobre a exposição no Centro de Artes de Sines deveria ler-se "Retratos dos dias difíceis 24/7" e não "Retratos dos dias diceis 24/7". No corpo do texto, onde se lê "etermine", deveria ler-se "município". Na edição nº1365, na notícia sobre a Escola de Futebol Feminino de Setúbal foi incorretamente referido no título que esta instituição se estreava na II Divisão. Na realidade, o clube conta com mais de uma dezena de participações no referido escalão, a última das quais na época 2021/22. Aos leitores e à instituição, apresentamos as nossas desculpas pelo lapso.

PUBLICIDADE

Dona ERMELINDA

FAZ PARTE DA SUA VIDA

TRADIÇÃO E EXCELÊNCIA, EM TODOS OS MOMENTOS.

Vinho tinto rico em frutos vermelhos bem maduros, bem harmonizado com a mdeira. Final de boca cheio, complexo, longo e agradável.

Red wine rich in very ripe red fruits well combined with the wood. Full, complex, long and pleasant aftertaste.



PORTUGAL Superbrands ·2025· ELEITO PELOS CONSUMIDORES

CASA ERMELINDA EST. FREITAS 1920

WWW.ERMELINDAFREITAS.PT



SEJA RESPONSÁVEL. BEBA COM MODERAÇÃO.
Wines of Portugal
WINE in MODERATION